

1

E assim chegámos ao fim de mais um ano insípido e sensaborão. Feiras de luzes adornavam as fachadas de todas as lojas. Vendedores de castanhas empurravam os seus carros fumegantes. Ao final do dia as multidões eram imensas e o trânsito atingia o bramido das marés. Os pais natais da Quinta Avenida tocavam as campainhas com uma estranha delicadeza melancólica, como se polvilhassem de sal um pedaço de carne brutalmente estragado. De todos os estabelecimentos saía música, *jingles*, cânticos e hosanas, e das fanfarras do Exército de Salvação chegava-nos o lamento marcial do clarim das antigas legiões cristãs. Era um som estranho àquela hora e naquele lugar, aquele estrépito de pratos e de tambores, como se a reprender as crianças por um pecado desmedido, e as pessoas pareciam enfadadas. Mas as meninas, amorosas e despreocupadas, entravam em todas as lojas extravagantes para fazer compras e atravessavam aqueles crepúsculos magnéticos como *majorettes*, altas e rosadas, aconchegando embrulhos reluzentes aos tenros seios. O pastor-alemão do cego dormia indiferente a tudo isto.

Finalmente chegámos a casa de Quincy. A mulher dele abriu a porta. Apresentei-lhe a minha acompanhante, B. G. Haines, e em seguida comecei a contar as pessoas presentes na sala. Enquanto contava, apercebia-me vagamente de estar a falar com a mulher de Quincy sobre a Índia. Contar todos quantos se encontravam numa casa era um hábito meu. A questão de quantas pessoas estavam presentes num determinado sítio parecia-me importante, talvez porque as notícias recorrentes a respeito de desastres aéreos e recontros militares enfatizavam sempre o número de mortos e desaparecidos; esse tipo de precisão é um estímulo eléctrico para o cérebro entorpecido. A seguir, a coisa mais importante a verificar era o grau de hostilidade. Isso era relativamente simples. Bastava olhar para as pessoas que estavam a olhar para nós ao entrarmos. Um olhar

demorado era normalmente suficiente para termos uma percepção satisfatória. Havia trinta e uma pessoas na sala. Cerca de três em cada quatro eram hostis.

A mulher de Quincy e a minha acompanhante sorriram ao descobrir que ambas traziam brincos com o símbolo da paz. Em seguida levei B. G. para a sala e esperámos que alguém se aproximasse e metesse conversa connosco. Era uma reunião social e não queríamos falar um com o outro. O objectivo era separarmo-nos durante o serão e encontrarmos pessoas interessantes com quem conversar, e no final voltarmos a juntar-nos e dizermos um ao outro que fora uma seca e que nos sentíamos muito contentes por estarmos de novo juntos. É essa a essência da civilização ocidental. Mas na verdade isso não tinha assim tanta importância, porque uma hora depois o tédio era geral. Era uma daquelas recepções tão enfadonhas, que o próprio enfado depressa se torna o tema principal da conversa. Vamos circulando de grupo em grupo e ouvimos a mesma frase uma dezena de vezes: “Parece um filme de Antonioni.” Só as caras é que não eram tão interessantes.

Resolvi ir para a casa de banho ver-me ao espelho. Seis grafitos emoldurados pendiam da parede. As palavras estavam escritas em caracteres grandes a negrito, mais ou menos tamanho 60, em papel de lustro e num tipo de letra a imitar o manuscrito, para parecerem reais. Três dos grafitos eram blasfemos e os outros três obscenos. As molduras deviam ter sido caras. Reparei que tinha caspa nos ombros. Preparava-me para a sacudir quando entrou uma rapariga chamada Pru Morrison. Era de um sítio qualquer no distrito de Bucks e começava a deixar-se enredar no vórtice da monotonia citadina. Ficou parada a olhar para mim, encostada à porta fechada. Tinha apenas dezoito anos e eu era ao mesmo tempo velho de mais e novo de mais para me interessar por ela. Mas, de qualquer modo, não queria que ela se apercebesse da caspa.

“Apeteceu-me lavar as mãos.”

“Quem é aquela negra?”

“Pru, constou-me que a Peck & Peck esta semana tem uma secção especial de pingalins. Porque não vais dar uma vista de olhos?”

“Não sabia que tu saías com negras, David.”

Comecei a lavar as mãos. Pru sentou-se no rebordo da banheira e abriu a torneira só o suficiente para correr um fiozinho de água. Pensei se aquilo pretenderia ter alguma conotação sexual. Por vezes era difícil interpretar estas coisas.

“Recebi uma carta do meu irmão”, disse ela. “É responsável por um lança-granadas M-79. Está numa zona de combate das mais perigosas.

Diz ele que cada centímetro de terreno é ferozmente disputado. Devias ler as cartas dele, David. São realmente impressionantes.”

A guerra passava na televisão todas as noites, mas nós íamos ao cinema. Como os filmes não demoraram a parecer-se todos uns com os outros, reuníamo-nos em salas escuras onde nos excitávamos ou esmorecíamos, ou víamos os outros excitarem-se ou esmorecerem, ou então queimávamos paus de incenso e ouvíamos cassetes quase em silêncio. Eu trazia a minha máquina de filmar de 16 mm. Era um brinquedo divertido e todos ficavam encantados.

“Ele diz que não é possível distinguir os amigos dos inimigos.”

“Quem?”, perguntei eu.

“Que ódio que me dás!”, disse Pru.

“O Quincy diz que tens um namorado novo, Pru. Texas A&M¹. Uma espécie de cadete júnior. Diz o Quincy que o conheceste através de um programa de encontros no computador.”

“Que estupor tão aldrabão.”

“É teu primo, Pru.”

“Tu tens caspa”, disse ela. “Estou a vê-la no teu casaco. Caspa!”

Quincy estava com uma disposição fora do comum, contou uma série de anedotas sobre bedéis polacos, clérigos negros, judeus em campos de concentração e mulheres italianas de pernas peludas. Bombardeou a assistência com termos chocantes e insultos, desafiando as pessoas a protestar. Mas é claro que nós nos torcíamos de riso, tentando suplantar-nos uns aos outros na tentativa de mostrar que não éramos preconceituosos. Aquilo pretendia ser uma experiência étnica libertadora. Se nos ofendêssemos com as piadas de um modo geral ou se fôssemos sensíveis a algumas em particular, que denegriam a nossa raça ou ancestralidade, não reuníamos condições para ser aceites naquele meio. B. G. Haines, que era manequim profissional e uma das mulheres mais bonitas que eu já conhecera, parecia estar a divertir-se com o discurso rotineiro de Quincy. Era uma das quatro pessoas negras na sala — e a única americana de entre elas — e aparentemente achava que tinha o dever diplomático de rir mais alto que todos das piadas maliciosas de Quincy sobre os negros. Quase caía para o chão a rir e eu tinha a certeza de detectar um soluço convulsivo abafado no ápice de cada gargalhada. Faltava-lhe prática, julgo eu. Passara a noite a sorrir para todos os que se aproximavam e a reagir com solenes acenos de cabeça aos cumprimentos de circunstância que lhe eram dirigidos pelos literatos presentes na sala. Era desconcertante. Por fim lembrei-lhe que nós é que devíamos ser atenciosos com ela e não o contrário. Acrescentei ainda um breve sermão sobre a responsabilidade

que ela tinha em relação à sua gente. Ela serviu-se de um *hors d'oeuvre* que passava e tornou-se elegante de novo.

Estava quase a terminar. Algumas pessoas já se tinham ido embora. Era apenas uma reunião para tomar uns *cocktails* e começavam a formar-se pequenos grupos para irem jantar. A um canto da sala, a mulher de Quincy executava uma versão modificada daquilo a que chamávamos o seu *striptease* estilo karaté, uma dança que ela dizia ter aprendido na viagem que fizeram ao Oriente.

Daí a pouco perguntaria a B. G. onde queria comer. Ela sugeriria que fosse eu a decidir. Iríamos a um pequeno restaurante francês no West Side, nos confins da terra de ninguém, onde sopra um vento frio que vem do rio e os edifícios baixos e desolados transpiram decadência; e onde, nesta altura do ano, há uma sensação de vazio total, de um lugar abandonado perante a aproximação das tropas em guerra. Ninguém podia ali viver, a não ser gatos vadios e crianças de barriga transparente, e aquelas luzes distantes, crepitando sobre Times Square, pertencem a outra cidade de uma outra época. B. G. pediria pernas de rã. Eu tentaria impressioná-la falando francês com o criado de mesa, com a calorosa intimidade de um herói da Resistência ao cumprimentar um camarada de armas. O criado votar-me-ia ao desprezo e B. G. perceberia a minha bazófia. Não haveria outra coisa a fazer senão terminar o serão com uma daquelas conversas sobre a morte, a juventude e a ansiedade, fumando cigarro atrás de cigarro. Lembrei-me de que já não fumava.

“Onde queres ir jantar?”, perguntei.

Mas ela não me ouviu. Estava a falar com um homem chamado Carter Hemmings. Apesar de Carter ter trinta anos, ou seja, mais dois do que eu, era um dos meus subordinados na emissora. Eu estava sempre bem consciente das idades dos homens com quem trabalhava. Aquilo que mais temia na emissora era que homens mais novos do que eu pudessem ser promovidos a posições superiores à minha. Não bastava ser o melhor, também era preciso ser o mais novo. A minha secretária, através de discretas manobras de espionagem, conseguira saber as idades de todos aqueles cujos níveis de responsabilidade eram equiparáveis ao meu. Quando me anunciou que eu era o mais novo por uma diferença de um ano e três meses, levei-a a jantar ao Lutèce e consegui-lhe um aumento de quinze dólares. Carter Hemmings tinha medo de mim. Por essa razão, e também porque a época era de compaixão, de indultos nas prisões, de tréguas militares, não interrompi a sua conversa com B. G. Em vez disso, fui buscar outra bebida. Já lá não estava mais de uma dúzia de pessoas. Sullivan, com a sua gabardina cigana, estava em pé encostada a uma

parede. Fora um disparate meu convidá-la; tinha um ar tenso. Um paquistanês que trabalhava nas Nações Unidas estava em frente dela. Segurava um copo numa mão e um cinzeiro na outra. Sullivan parecia contentar-se em sacudir as suas cinzas para o chão. Parei atrás dele e tentei fazê-la rir, exibindo uma série de caretas porcinas. Ela fez deslizar o pé direito para fora do sapato e depois, com um descontraído à-vontade, encolheu a perna para cima contra a parede, fazendo-a desaparecer, qual cegonha, a coberto da gabardina. Assim se deixou ficar, sobre uma perna, com um enigmático sapato ancorado debaixo dela. Intencionalmente ou não, Sullivan fazia-me sempre ficar totalmente perplexo. Sentia-me terrivelmente atraído por ela.

“Como sou muçulmano”, dizia o paquistanês, “não bebo. No entanto, acho que devo ter um copo na mão, senão os outros, inevitavelmente, acharão que sou uma pessoa demasiado formal e rígida. Nós, muçulmanos, somos muito rigorosos no que respeita ao álcool, vestuário e relações carnais. Você provavelmente está farta desta gente e gostava de ir para casa. Posso oferecer-me para acompanhá-la? O meu *Plymouth Fury* está estacionado mesmo do outro lado da rua. Onde mora?”

“No coração dos homens”, disse Sullivan.

Cheguei-me para junto deles. O relógio do avô começou a dar horas. Olhei para o paquistanês e mexi os lábios, sem falar, para dar a impressão de que as minhas palavras estavam a ser abafadas pelo relógio. Após oito toques prolongados fez-se silêncio e eu retirei do meu pensamento, a meio da frase, uma descrição de viagens pela Suíça, sem sentido, e prossegui-a em voz alta. Ele olhou para o copo e a seguir para o cinzeiro, tentando decidir qual deles poderia ser colocado em cima do outro com mais segurança. Encontrava-se em território desconhecido e queria ter pelo menos uma mão livre. Nisto, Quincy aproximou-se e começou a falar de uma nova megadroga que tomara na semana anterior. E a cena dissolveu-se por completo antes que algum de nós fosse capaz de descobrir a que propósito vinha tudo aquilo.

Fui até ao terraço. Automóveis atravessavam Central Park, filas de luzes traseiras vermelhas a arrastarem-se umas atrás das outras para norte e oeste na direcção das trevas e do rio, faróis que vinham para este lado, laranja-pálido, porteiros a assobiar. Os candeeiros do parque eram de um insípido tom prateado, frio e uniforme. Estava a desperdiçar a minha vida.

Toda a gente a tratava pelo último nome. Escultora, trinta e sete anos, solteira, era uma mulher alta que, devido aos seus modos, ou porte, ou simples presença, parecia alterar ligeiramente uma sala, causar-lhe embaraço. Sullivan tinha o tipo de rosto e de corpo que inspiram infinitas